



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

DÉBORA CALINE DE SOUZA LEITE

**A SISTEMATIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS DO POVO
POTIGUARA E SEU POTENCIAL PARA A INOVAÇÃO SOCIOECOLÓGICA**

**Mamanguape/PB
2026**

DÉBORA CALINE DE SOUZA LEITE

**A SISTEMATIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS DO POVO
POTIGUARA E SEU POTENCIAL PARA A INOVAÇÃO SOCIOECOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Administração do Centro de Ciências Aplicadas e Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Administração, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos docentes:

Maria Angeluze Soares Peronico Barbotin – UFPB
Orientador(a)/Presidente

Marcia Maria de Medeiros Travassos Saeger – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Rosiele Fernandes Pinto – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Mamanguape/PB
2026



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**



**A SISTEMATIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS DO POVO
POTIGUARA E SEU POTENCIAL PARA A INOVAÇÃO SOCIOECOLÓGICA**

Débora Caline de Souza Leite – UFPB – deboracaline91@gmail.com
Maria Angeluce Peronico Soares Barbotin – UFPB – angeluce@ccae.ufpb.br
Marcia Maria de Medeiros Travassos Saeger – UFPB – marcia@ccae.ufpb.br
Rosiele Fernandes Pinto – UFPB – rosiele@ccae.ufpb.br

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender com os mecanismos de sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo indígena Potiguara desenvolvidos no âmbito do PET Indígena da UFPB para o fortalecimento de processos de inovação socioecológica, a partir de uma revisão integrativa da literatura. A questão central aborda como essa sistematização impulsiona a inovação. A partir disso, o objetivo geral consiste em analisar o potencial de contribuição dos mecanismos de sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo indígena Potiguara executados por meio do PET Indígena da UFPB para processos de inovação socioecológica. Como objetivos específicos buscou identificar as práticas tradicionais presentes no cotidiano do povo Potiguara sistematizadas pelo PET Indígena da UFPB; identificar as estratégias de sistematização desses conhecimentos; e examinar o potencial dessa sistematização para o desenvolvimento de iniciativas de inovação socioecológica. A metodologia qualitativa exploratória aplicou análise temática em seis estudos, revelando práticas como mariscagem, rituais espirituais e artesanato, adaptadas a desafios ambientais. Estratégias incluem oficinas educativas e registros digitais, alinhadas à espiral do conhecimento. O potencial reside na geração de renda sustentável e resiliência climática, inspirando um modelo de desenvolvimento equilibrado. Teoricamente, integra gestão do conhecimento com sustentabilidade indígena, preenchendo lacunas na Administração. Sendo importante também para subsidiar políticas alinhadas aos ODS 13 e 15 da ONU (2021). As limitações do presente estudo envolvem fontes secundárias, sugerindo etnografias futuras. Os saberes Potiguara, por meio do PET, emergem como paradigma para transições sustentáveis, enfatizando inovação ética.

Palavras-chave: Conhecimentos Tradicionais; Povo Potiguara; Inovação Socioecológica; Revisão Integrativa.

ABSTRACT

This research seeks to understand the mechanisms for systematizing the traditional knowledge of the Potiguara Indigenous people, developed within the scope of the Indigenous PET Program at the Federal University of Paraíba (UFPB), aimed at strengthening socio-ecological innovation processes, based on an integrative literature review. The central research question addresses how this systematization drives innovation, and the overall objective of the study is to analyze the potential contribution of the mechanisms for systematizing the traditional knowledge of the Potiguara Indigenous people implemented through the Indigenous PET

Program of UFPB to socioecological innovation processes. The specific objectives are to: (i) identify the traditional practices present in the daily life of the Potiguara people that are systematized by the Indigenous PET Program of UFPB; (ii) identify the strategies used to systematize this knowledge; and (iii) examine the potential of this systematization for the development of socioecological innovation initiatives. The exploratory qualitative methodology applied thematic analysis to six studies, revealing practices such as shellfish gathering, spiritual rituals, and handicrafts, adapted to environmental challenges. The strategies include educational workshops and digital records, aligned with the knowledge spiral. The potential lies in the generation of sustainable income and climate resilience, inspiring a balanced development model. Theoretically, the study integrates knowledge management with Indigenous sustainability, addressing gaps in the field of Administration. It is also important for informing policies aligned with the UN Sustainable Development Goals 13 and 15 (2021). The limitations of this study involve the use of secondary sources, suggesting future ethnographic research. Potiguara knowledge, through the PET Program, emerges as a paradigm for sustainable transitions, emphasizing ethical innovation.

Keywords: Traditional Knowledge; Potiguara People; Socioecological Innovation; Integrative Review.

1 INTRODUÇÃO

O crescimento das preocupações ambientais em escala global, impulsionado por crises como as mudanças climáticas, a perda de biodiversidade e a degradação dos ecossistemas, tem ampliado o debate sobre novas formas de inovação que ultrapassem os limites dos modelos econômicos tradicionais. Nesse cenário, o conceito de inovação socioecológica emerge como uma abordagem integradora, ao propor a conciliação entre desenvolvimento econômico, sustentabilidade ambiental e bem-estar social. Tal perspectiva tem ganhado destaque especialmente no campo da Administração e da gestão da inovação, ao questionar uma visão historicamente restrita da inovação, centrada exclusivamente no retorno financeiro e na eficiência produtiva (Andrade, 2008; Gomes, 2023).

Estudos recentes ressaltam a necessidade de incorporar as dimensões sociais e ambientais como elementos centrais dos processos inovativos, promovendo modelos de desenvolvimento mais equilibrados e comprometidos com a preservação ambiental. Evidências empíricas indicam que a inovação socioecológica pode contribuir para transições sustentáveis, sobretudo em países em desenvolvimento, ao considerar fatores como governança colaborativa, participação comunitária e integração de conhecimentos locais. Na prática, isso implica reconhecer que iniciativas inovadoras devem avaliar não apenas seus impactos econômicos, mas também seus efeitos sociais e ambientais, especialmente em contextos locais marcados por vulnerabilidades socioeconômicas (Lima et al., 2024).

A inovação socioecológica pode ser compreendida como um conjunto de abordagens gerenciais que articulam inovação, sustentabilidade e responsabilidade social, propondo soluções capazes de harmonizar crescimento econômico, preservação ambiental e bem-estar coletivo (Gomes, 2023). Esse conceito adquire especial relevância em regiões de alta biodiversidade, como a Amazônia e a Mata Atlântica, onde a consolidação de uma bioeconomia sustentável depende da integração de práticas inovadoras que respeitem tanto os ecossistemas quanto as comunidades locais (Oliveira et al., 2021).

Nesse contexto, os conhecimentos tradicionais indígenas configuram-se como uma fonte relevante para processos de inovação socioecológica, uma vez que incorporam saberes construídos ao longo de gerações sobre formas de interação equilibrada com o meio ambiente. Conforme a Convenção sobre Diversidade Biológica, os conhecimentos tradicionais compreendem práticas, inovações e saberes de povos indígenas e comunidades locais, desenvolvidos a partir de experiências adaptativas e transmitidos de forma oral, ritualística ou prática (CBD, 2020). Esses conhecimentos abrangem técnicas de manejo sustentável de recursos naturais, como agricultura tradicional, pesca artesanal e conservação da biodiversidade, capazes de inspirar soluções inovadoras para desafios contemporâneos (Brunet, 2018).

Entretanto, para que tais conhecimentos sejam efetivamente integrados aos processos de inovação, torna-se fundamental sua sistematização, entendida como a organização, documentação e transmissão estruturada desses saberes, de maneira acessível e eticamente comprometida com as comunidades detentoras. A sistematização contribui não apenas para a preservação cultural frente aos riscos de perda de saberes ancestrais, mas também para sua aplicação em iniciativas de inovação socioecológica, favorecendo o desenvolvimento sustentável e o fortalecimento da resiliência comunitária (Pereira, 2022).

Apesar de sua relevância, a literatura aponta que ainda são limitados os estudos que analisam a sistematização dos conhecimentos tradicionais como um processo estruturado sob a ótica da Administração. Grande parte das pesquisas concentra-se em áreas como antropologia, ecologia e direito da propriedade intelectual, havendo escassa atenção a abordagens gerenciais que explorem a organização desses saberes para fins inovativos. Na região amazônica, por exemplo, iniciativas que buscam integrar conhecimentos tradicionais a inovações tecnológicas e digitais carecem de modelos administrativos sistemáticos capazes de avaliar seus impactos organizacionais e gerenciais (Silva et al., 2023).

Dessa forma, não foram identificados estudos específicos voltados ao contexto do povo indígena Potiguar que analisem de que forma a organização e a transmissão de seus

conhecimentos tradicionais podem contribuir para processos de inovação socioecológica, o que evidencia uma lacuna na literatura. Os Potiguara, localizados predominantemente no estado da Paraíba, possuem um vasto repertório de saberes associados à ecologia doméstica, ao manejo de manguezais e da Mata Atlântica, bem como a práticas extrativistas sustentáveis que articulam recursos locais e industriais (Brunet, 2018). A ausência de análises sob a perspectiva administrativa representa, portanto, uma oportunidade de investigação sobre como esses saberes podem ser sistematizados para fomentar inovações voltadas à sustentabilidade socioambiental (Oliveira et al., 2021).

Em relação à sistematização dos conhecimentos tradicionais Potiguara, o Programa de Educação Tutorial (PET) foca na organização e transmissão estruturada desses saberes por meio de oficinas educativas, como as de mariscagem, biojoias, arco e flecha e rituais espirituais, que envolvem observação participante, registros audiovisuais e integração acadêmica-comunitária, transformando saberes tácitos em ativos explícitos para inovação socioecológica, preservando a identidade cultural e promovendo sustentabilidade em territórios indígenas (Rocha, 2021; PET Indígena da UFPB, 2022).

O PET Indígena da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sediado no Campus IV em território Potiguara, é uma iniciativa vinculada ao Ministério da Educação (MEC) classificada como PET conexões de saberes, que reúne estudantes indígenas de diversas etnias — predominantemente Potiguara, mas também Tabajara, Cariri e Xucuru — de cursos multidisciplinares, com o objetivo de promover o acesso, a permanência e a formação integral de universitários indígenas na academia. Sob a tutoria de um Professor Dr. da UFPB, e composto atualmente por 12 bolsistas, o programa enfatiza o trabalho coletivo, a troca de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades críticas, atuando em pesquisa, ensino e extensão para elevar a bagagem intelectual e fomentar práticas pedagógicas inovadoras, alinhadas a ações afirmativas pela equidade social (PET Indígena da UFPB, 2022).

Diante do exposto, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: como a sistematização dos conhecimentos tradicionais dos povos Indígenas pode contribuir para o processo de inovação socioecológica? Assim, o objetivo geral do estudo consiste em analisar o potencial de contribuição dos mecanismos de sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo indígena Potiguara executados por meio do PET Indígena da UFPB para processos de inovação socioecológica.

Como objetivos específicos, pretende-se: (i) identificar as práticas tradicionais presentes no cotidiano do povo Potiguara sistematizadas pelo PET Indígena da UFPB; (ii) identificar as

estratégias de sistematização desses conhecimentos; e (iii) examinar o potencial dessa sistematização para o desenvolvimento de iniciativas de inovação socioecológica.

Quanto a justificativa, importa registrar que como discente originária do Povo Potiguar, participei do PET nos períodos letivos de 2023.2 a 2025.1. Essa participação despertou meu interesse em desenvolver essa pesquisa cuja relevância reside na ampliação do debate no campo da Administração sobre inovação e sustentabilidade em contextos socioculturais específicos, ao evidenciar o papel dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas como fonte de inovação socioecológica. Do ponto de vista teórico, o estudo contribui ao articular saberes indígenas, gestão do conhecimento e inovação, superando abordagens centradas exclusivamente no desempenho econômico (Lima et al., 2024). No plano prático, a pesquisa valoriza os conhecimentos do povo Potiguar ao demonstrar como sua organização e sistematização podem subsidiar iniciativas sustentáveis alinhadas às dinâmicas comunitárias, como projetos de ecoturismo e agricultura regenerativa (Brunet, 2018).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção apresenta os principais referenciais teóricos que sustentam a pesquisa, articulando conceitos fundamentais para compreender de que forma a sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo indígena Potiguar pode contribuir para processos de inovação socioecológica. Inicialmente, discute-se o conceito de inovação socioecológica, abordando suas origens conceituais, definições, desenvolvimentos teóricos, e evidências empíricas recentes, com ênfase em sustentabilidade, resiliência e transições socioambientais.

Na sequência, analisa-se a sistematização do conhecimento, especialmente em sua interface com a inovação socioecológica e com os saberes tradicionais indígenas, destacando contribuições da Gestão do Conhecimento e suas aplicações contemporâneas.

2.1 Inovação socioecológica

De acordo com Folke (2006), o estudo da inovação socioecológica insere-se na interseção entre as ciências sociais, ambientais e econômicas, emergindo como resposta às limitações dos modelos tradicionais de desenvolvimento diante das crises socioambientais contemporâneas. Embora preocupações com a relação entre sociedade e natureza possam ser identificadas em pensadores clássicos da sociologia (Comte, 1830–1842; Tarde, 1895), é a partir da segunda metade do século XX que a inovação socioecológica passa a ser tratada de forma sistemática, associada aos debates sobre sustentabilidade, resiliência e governança ambiental (Cordeiro-Beduschi, 2022).

Um marco teórico relevante é o trabalho de Olsson et al. (2004), que definem a inovação socioecológica como um conjunto de inovações sociais — envolvendo novas estratégias, instituições e práticas — capazes de fortalecer a resiliência de sistemas socioecológicos. Outro estudo seminal é o de Folke (2004), o qual busca aprofundar essa abordagem ao integrar inovação, adaptação e transformações sistêmicas, enfatizando que mudanças incrementais são insuficientes para enfrentar crises ambientais complexas, sendo necessárias transformações estruturais nos modos de produção, governança e uso dos recursos naturais.

A literatura apresenta diversas definições de inovação socioecológica, refletindo sua natureza multidisciplinar. Westley et al. (2011) a compreendem como processos inovativos que integram dimensões sociais e ecológicas, por meio de novas tecnologias, estratégias e instituições orientadas à sustentabilidade e ao respeito aos limites planetários. Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010), por sua vez, enfatizam que tais inovações são sociais tanto em seus meios quanto em seus fins, buscando simultaneamente resolver problemas ambientais e fortalecer comunidades locais.

Neste estudo, adota-se a definição proposta por Moraes et al. (2023), segundo a qual a inovação socioecológica consiste em abordagens de gestão que articulam inovação, sustentabilidade e responsabilidade social, propondo soluções capazes de conciliar desenvolvimento econômico, preservação ambiental e bem-estar social. Essa concepção mostra-se especialmente adequada para o contexto da pesquisa, ao considerar a interdependência entre dimensões sociais, culturais e ecológicas em territórios indígenas. Do ponto de vista dos desenvolvimentos conceituais, observa-se uma evolução significativa da inovação entendida exclusivamente como fenômeno tecnológico para uma abordagem integrada, frequentemente denominada sociotécnico-ecológica (Gomes, 2023).

O estudo de Geels (2020) destaca que os processos inovativos devem ser analisados a partir das interações entre tecnologia, estruturas sociais, instituições e ecossistemas, especialmente em contextos de transições sustentáveis. Nesse campo, destacam-se diferentes tradições de pesquisa. A primeira concentra-se nas transições para a sustentabilidade, fortemente influenciada pelos estudos de resiliência e governança adaptativa. A segunda enfatiza as inovações sociais voltadas à conservação da biodiversidade, com foco na ação coletiva e no engajamento cívico. A terceira aborda experimentos socioecológicos aplicados à agroecologia e aos sistemas alimentares sustentáveis, ressaltando o papel do conhecimento local e da coaprendizagem (Ziegler et al., 2022).

A presente pesquisa alinha-se principalmente à perspectiva das transições sustentáveis, ao investigar como saberes tradicionais podem fortalecer a resiliência de sistemas

socioecológicos em contextos indígenas. Revisões de literatura corroboram a relevância e a expansão do campo. Ziegler et al. (2022), ao analisarem inovações sociais voltadas à biodiversidade, identificam concentração temática em mudanças no uso da terra, mas destacam a escassez de estudos que avaliem impactos de longo prazo e efeitos organizacionais. Essas lacunas reforçam a pertinência de investigações que incorporem conhecimentos tradicionais e enfoques gerenciais.

Evidências empíricas recentes fortalecem o argumento de que a inovação socioecológica contribui para a sustentabilidade. Kilelu et al. (2024), em estudo realizado no Quênia, demonstram que a adoção de inovações agrícolas sustentáveis é favorecida quando fatores sociais, ecológicos e institucionais são analisados de forma integrada.

No Brasil e na Amazônia, a inovação socioecológica tem sido associada à promoção da bioeconomia sustentável, integrando cadeias de valor da sociobiodiversidade com restauração de paisagens. Iniciativas como a Rede de Sementes do Xingu e a Aliança pela Restauração na Amazônia ilustram ações coletivas multiníveis que valorizam conhecimentos tradicionais no manejo florestal, contribuindo simultaneamente para geração de renda, conservação ambiental e mitigação das mudanças climáticas (Cordeiro-Beduschi et al., 2022; Aliança pela Restauração na Amazônia, 2024).

Apesar dos avanços, persistem desafios relevantes, como desigualdades sociais, fragilidades institucionais e riscos de apropriação indevida de saberes tradicionais. Estudos recentes alertam para a necessidade de marcos regulatórios que evitem a mercantilização predatória da bioeconomia, priorizando modelos socioecológicos que respeitem os limites planetários e promovam justiça social (Gama; Brasileiro, 2024).

No contexto brasileiro, políticas públicas como o Plano Nacional de Recuperação da Vegetação Nativa reforçam o papel da inovação socioecológica na restauração ambiental (Garcia; Nunes, 2024).

2.2 Sistematização do conhecimento e inovação socioecológica

A sistematização do conhecimento, em especial dos conhecimentos tradicionais, passou a receber maior atenção no campo da gestão organizacional e ambiental a partir do final do século XX, sobretudo em função da necessidade de compreender como saberes tácitos podem ser convertidos em conhecimentos explícitos e aplicados a processos inovativos. Nesse contexto, destaca-se o modelo SECI, proposto por Nonaka e Takeuchi (1995), que concebe a criação do conhecimento como um processo dinâmico e contínuo de socialização,

externalização, combinação e internalização, formando uma espiral que sustenta a inovação organizacional.

No que se refere aos conhecimentos tradicionais (Traditional Knowledge – TK), um marco teórico fundamental é o trabalho de Folke (2004), que analisa esses saberes no âmbito dos sistemas socioecológicos, destacando seu caráter adaptativo, cumulativo e profundamente enraizado em contextos culturais específicos. Esses autores evidenciam que o TK não constitui apenas um conjunto de práticas isoladas, mas um sistema complexo de conhecimento que orienta a gestão sustentável dos recursos naturais.

Outro estudo seminal é o de Tengö et al. (2014), que propõem frameworks integrativos para articular conhecimentos tradicionais e ciência moderna na governança ambiental, enfatizando a coprodução do conhecimento como estratégia para enfrentar desafios socioecológicos complexos. As definições de sistematização do conhecimento variam na literatura, mas convergem na compreensão de que se trata de processos de organização, documentação, interpretação e transmissão estruturada de saberes, com vistas à aprendizagem coletiva e à inovação.

A partir do campo da gestão do conhecimento, a abordagem de Nonaka e Takeuchi (1995) permite compreender a sistematização como um conjunto de processos voltados à captura, ao armazenamento e à disseminação do conhecimento, com o objetivo de fomentar a criação de novas ideias e soluções. No caso dos conhecimentos tradicionais, a sistematização é entendida como um processo ético e participativo de integração de saberes indígenas em sistemas formais de gestão e inovação, preservando seus significados culturais, simbólicos e territoriais (Silva et al., 2024).

Neste estudo, adota-se a definição proposta por Pereira (2022), que concebe a sistematização como uma ferramenta acessível, respeitosa e orientada à valorização das comunidades detentoras do conhecimento. Desenvolvimentos conceituais recentes evidenciam a ampliação do debate em direção à integração dos conhecimentos tradicionais em processos de inovação socioecológica, destacando abordagens híbridas que articulam saberes tradicionais e ciência ocidental (Tengö et al., 2017).

Ford et al. (2016) analisam a aplicação do conhecimento tradicional em estratégias de adaptação indígena às mudanças climáticas, ressaltando a necessidade de pesquisas colaborativas que envolvam diretamente as comunidades locais nos processos decisórios. Evidências empíricas recentes corroboram essa relevância. Na Amazônia, Silva et al. (2024) demonstram que a gestão e a sistematização do conhecimento tradicional contribuem para estratégias de desenvolvimento sustentável e conservação ambiental.

A integração entre sistematização do conhecimento tradicional e inovação socioecológica mostra-se particularmente relevante em iniciativas de bioeconomia e restauração ambiental, nas quais saberes ancestrais são combinados a práticas científicas e tecnológicas contemporâneas (Costa et al., 2022; Aliança pela Restauração na Amazônia, 2024). No contexto brasileiro, estudos indicam que a sistematização do TK fortalece a resiliência socioecológica em territórios amazônicos (Athayde et al., 2016; Souza; Mello; Gomes, 2021).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, fundamentada em uma revisão integrativa da literatura, com o objetivo de analisar os mecanismos de sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo indígena Potiguara e seu potencial de contribuição para processos de inovação socioecológica.

A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pela complexidade do fenômeno investigado, que envolve dimensões culturais, sociais, ambientais e gerenciais, não passíveis de mensuração quantitativa direta. A escolha da revisão integrativa da literatura fundamenta-se na necessidade de reunir, analisar criticamente e sintetizar conhecimentos dispersos em diferentes campos do saber, permitindo a articulação entre conhecimentos tradicionais, gestão do conhecimento e inovação socioecológica em contextos socioculturais específicos (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

Esse método mostra-se especialmente adequado para temas emergentes e interdisciplinares, como a interface entre saberes indígenas e inovação sustentável, nos quais ainda se observam lacunas teóricas e empíricas, conforme evidenciado na introdução deste trabalho. Além disso, a revisão integrativa possibilita a construção de uma base teórica consistente, capaz de subsidiar análises críticas e orientar futuras investigações empíricas (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

A revisão foi conduzida conforme as etapas propostas por Whitemore e Knafl (2005), adaptadas ao contexto da pesquisa em Administração, a saber: (i) identificação do problema de pesquisa; (ii) busca e seleção da literatura; (iii) avaliação da qualidade dos estudos; (iv) análise e síntese dos dados; e (v) apresentação dos resultados. O problema de pesquisa foi delimitado a partir da seguinte questão norteadora: como a sistematização dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas pode contribuir para o processo de inovação socioecológica? Essa questão orientou a definição dos objetivos geral e específicos, assegurando coerência entre a problemática investigada e a estratégia metodológica adotada.

A busca e seleção da literatura foram realizadas no período de 16 de dezembro de 2025 a 13 de janeiro de 2026, em bases de dados acadêmicas nacionais relevantes ao tema, a partir das palavras chaves desse estudo, Conhecimentos Tradicionais, Povo Potiguara, Inovação Socioecológica e Revisão Integrativa, priorizando também estudos relacionados a povos indígenas, gestão do conhecimento, inovação e sustentabilidade. As bases consultadas incluíram artigos de Anais de eventos como Encontro de Iniciação à Docência (ENID UFPB), Encontro Nordestino dos Grupos do Programa de Educação Tutorial (ENEPET), Encontro Nacional dos Grupos do Programa de Educação Tutorial (ENAPET), além de TTC, Dissertação e Tese, considerando a relevância geográfica e cultural do povo Potiguara no estado da Paraíba.

O Quadro 1 a seguir, apresenta o processo de seleção dos estudos abordados na revisão integrativa de literatura.

Quadro 1 – Estudos selecionados na revisão integrativa

ETAPAS DO PROCESSO	QUANTIDADE DE DOCUMENTOS	SELEÇÃO
Identificação inicial.	35	Estudos inicialmente identificados.
Seleção por títulos e resumos.	26	Estudos selecionados após leitura de títulos e resumos.
Estudos incluídos na revisão.	6	Estudos que atenderam aos critérios de inclusão. (estudos que abordam os conhecimentos do Povo Potiguara sistematizados pelo PET Indígena – UFPB).
ENEPET (2024 e 2025).	4	Trabalhos publicados nos anais do Encontro Nordestino dos Grupos do Programa de Educação Tutorial.
ENAPET (2024).	1	Trabalho publicado nos anais do Encontro Nacional dos Grupos do Programa de Educação Tutorial.
ENID - UFPB (2023).	1	Trabalho publicado nos anais de Encontro de Iniciação à Docência – UFPB.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Sendo assim, os seis estudos selecionados foram incluídos na análise final, após leitura integral, garantindo uma amostra diversificada e representativa das práticas adotadas pelo PET Indígena UFPB. A avaliação da qualidade dos estudos selecionados considerou aspectos como clareza dos objetivos, consistência metodológica, relevância teórica e aplicabilidade dos resultados. Os estudos foram classificados quanto à natureza (teóricos, empíricos ou revisões), ao foco temático (conhecimentos tradicionais, sistematização do conhecimento e inovação socioecológica) e à pertinência para o contexto do povo Potiguara (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

Dessa forma, a metodologia adotada assegura rigor científico e coerência com o campo da Administração, no qual a gestão do conhecimento e a inovação constituem eixos centrais de

análise, permitindo que os resultados ofereçam subsídios teóricos e práticos para políticas públicas e estratégias de sustentabilidade em contextos indígenas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise temática dos seis estudos selecionados na revisão integrativa revelou padrões consistentes relacionados aos conhecimentos tradicionais do povo Potiguara, com ênfase no papel central do Programa de Educação Tutorial (PET) Indígena da UFPB na execução dos mecanismos de sistematização. Os achados foram organizados em três categorias alinhadas aos objetivos específicos: (i) identificação das práticas tradicionais sistematizadas pelo PET Indígena da UFPB; (ii) identificar as estratégias de sistematização desses conhecimentos; e (iii) examinar o potencial dessa sistematização para iniciativas de inovação socioecológica.

Essa estrutura permitiu examinar o potencial de contribuição desses mecanismos para processos inovativos, articulando-os à teoria da gestão do conhecimento e à inovação socioecológica. Os resultados destacam como o PET transforma saberes ancestrais em ferramentas adaptativas, promovendo resiliência em contextos de pressão ambiental e cultural na Mata Atlântica nordestina.

O Quadro 2 a seguir, apresenta os seis estudos que foram selecionados para compor a análise final desta seção.

Quadro 2 – Estudos selecionados para a análise final

AUTORES	TÍTULO	ANO
Falcão Filho et al.	A atividade da mariscagem como oficina de pesca tradicional do povo Potiguara: uma prática de ensino do PET Indígena da UFPB	2024
Cinesio, M. G.; Santos, S. L.; Santos, A. A.	Sementes que educam: oficina de biojoias como prática de saberes tradicionais indígenas	2025
Avelar et al.	Ritual da Lua Cheia: Educação, espiritualidade e resistencia no território Potiguara da Paraíba	2025
Avelar et al.	Oficina de arco e flecha como atividade de ensino do PET Indígena da UFPB	2025
Silva et al.	Seminário Temáticos: Teias de saberes e diálogos da cultura Indígena	2023
Leite et al.	Oficina de medicina tradicional na Aldeia São Francisco: Uma prática ancestral do povo Indígena Potiguara.	2024

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

O conjunto de artigos analisados apresenta um perfil comprometido com a valorização dos saberes tradicionais do povo Indígena Potiguara, fomentando conhecimento ancestral, práticas culturais e processos educativos a partir de seminários, rituais e oficinas realizadas pelo PET. De modo geral, os estudos compreendem a universidade com um espaço de diálogo

intercultural, a qual promove uma conexão entre ensino, pesquisa e extensão com as práticas nas comunidades do território Potiguara.

4.1 Identificação das Práticas Tradicionais Presentes no Cotidiano do Povo Potiguara

O Quadro 2, apresentado a seguir, mostra, de forma sucinta, as práticas tradicionais identificadas no cotidiano do povo Potiguara, conforme evidenciado pelos estudos selecionados e analisados.

Os estudos evidenciam que o PET Indígena da UFPB sistematiza um repertório diversificado de práticas tradicionais Potiguara, focadas no manejo sustentável e na transmissão cultural, integrando-as a ações acadêmicas e comunitárias. Predominam atividades de subsistência e identidade étnica, como pesca artesanal e rituais espirituais, refletindo uma cosmologia conectada à natureza (PET Indígena da UFPB, 2022).

Quadro 3 – Práticas tradicionais identificadas no cotidiano do povo Potiguara

PRÁTICAS TRADICIONAIS	DESCRIÇÃO / CONTEXTO
Mariscagem	Prática ancestral coletiva baseada em Conhecimento Ecológico Local (CEL).
Confecção de biojoias	Uso de sementes nativas (ex.: olho-de-pavão) para arte e economia criativa, ligada ao “bem viver”.
Rituais espirituais (Toré, Jurema, Lua Cheia)	Cerimônias que conectam espiritualidade, território e identidade étnica.
Oficina de arco e flecha	Resgate de instrumentos de caça como símbolo de resistência e transmissão geracional.
Medicina Tradicional	Cultivo de plantas com propriedades medicinais para confecção de xaropes, chás e derivados.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A mariscagem, sistematizada em oficinas do PET, é uma prática ancestral coletiva baseada no Conhecimento Ecológico Local (CEL), priorizando relações sociais sobre lógica produtivista (Falcão Filho et al., 2024). Similarmente, a oficina de biojoias com sementes nativas (como o olho-de-pavão) evidencia a coleta e aplicação das sementes em peças artesanais que promovem biodiversidade e economia criativa em aldeias como Forte. O estudo compreende a oficina não apenas como um artesanato, mas como uma forma de transmitir conhecimentos tradicionais do Povo Potiguara (Cinesio; Santos; Santos, 2025).

No âmbito cultural, o PET sistematiza rituais como o da Lua Cheia, envolvendo Toré e jurema para conexão espiritual com o território (Costa, 2022). A oficina de arco e flecha resgata instrumentos de caça como símbolos de resistência (Avelar et al., 2024), transmitidos entre gerações, alinhando-se ao conhecimento tácito experiencial.

Por fim, a oficina de medicina tradicional realizada na aldeia São Francisco, facilitada por uma anciã do Povo Potiguara, permitiu a aprendizagem sobre as plantas e suas propriedades medicinais. A experiência educativa e cultural centrada na medicina tradicional do povo Potiguara, evidencia que as práticas ancestrais em relação com a universidade promovem a transmissão de saberes capazes de fortalecer laços comunitários e gerar inovação.

Com base nos estudos realizados compreende-se que esses trabalhos destacam e valorizam o conhecimento tradicional dos povos indígenas Potiguara como formas legítimas de aprendizagem. Isso vai além de simplesmente passar conteúdos formais, incluindo experiências vividas, ligação com o território, espiritualidade, cultura e maneiras próprias de ensinar e aprender e transmitir conhecimentos.

4.2 Identificação das Estratégias de Sistematização desses Conhecimentos

O Quadro 3, apresentado a seguir, traz as estratégias de sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo Potiguara. O PET Indígena da UFPB desenvolve estratégias participativas e éticas de sistematização, transformando conhecimentos implícitos para um conhecimento mais claro, mais explícito, por meio de diferentes registros (Pereira, 2022), ajudando na união e integração entre universidade e o povo Potiguara.

Como, por exemplo, registros orais durante o Ritual da lua cheia conduzido pelo Pajé Isaias Guarapirá, realizado na aldeia Lagoa do Mato, no território Potiguara, onde houve momentos de observação e práticas rituais como uso da jurema, cantos, toques de bombo, e o toré (Avelar et al., 2025). O método de observação direta em coleta de mariscos e joias de sementes é registrado no local, produzindo materiais de ensino (Falcão Filho et al., 2024; Cinesio; Santos; Santos, 2025).

Quadro 4 – Estratégias de sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo Potiguara

ESTRATÉGIAS DE SISTEMATIZAÇÃO	DESCRIÇÃO / EXEMPLOS
Observação participante	Registro direto em atividades como mariscagem e confecção de biojoias.
Rodas de conversa com anciãos	Espaços narrativos com pajés e líderes tradicionais.
Artigos em Anais	Construção de texto a partir das experiências de aprendizagem
Plataformas colaborativas online	Rede social do PET
Oficinas educativas	Oficinas de arco e flecha, biojoias e mariscagem como espaços de ensino-aprendizagem.
Integração universidade-comunidade	Troca de conhecimentos
Diálogos interculturais em eventos acadêmicos	Participação em encontros regionais e nacionais do PET.

Apresentações	Seminários temáticos realizados por integrantes do PET.
---------------	---

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

As estratégias de sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo Potiguara desenvolvidas pelo PET Indígena da UFPB se caracterizam por um processo coletivo que valoriza tanto a oralidade quanto os registros acadêmicos. A observação participante em práticas como a mariscagem e a confecção de biojoias permite aprender diretamente no território, enquanto as rodas de conversa com anciãos criam espaços de escuta, memória e transmissão dos saberes ancestrais. Esses conhecimentos são posteriormente registrados em artigos publicados em anais e compartilhados em plataformas colaborativas online do PET, ampliando sua visibilidade e preservação.

As oficinas educativas funcionam como espaços de ensino-aprendizagem intercultural, fortalecidas pela integração entre universidade e comunidade e pelos diálogos promovidos em eventos acadêmicos regionais e nacionais. Por meio de apresentações e seminários temáticos, os integrantes do PET socializam essas experiências, garantindo que os saberes Potiguara circulem, sejam reconhecidos e permaneçam vivos, articulando tradição, formação acadêmica e compromisso comunitário.

Problemas éticos são reduzidos por regras, melhorando a gestão Potiguara. Além disso, plataformas de trabalho em equipe do PET, como arquivos online, completam registros comuns, permitindo controle da comunidade e evitando usos errados (Silva et al., 2023). Por último, redes entre instituições do PET fazem bancos de dados éticos, completando acordos como a Convenção sobre Diversidade Biológica (CBD, 2020), garantindo divisão de benefícios.

De modo geral, os achados da pesquisa mostram que os saberes tradicionais do Povo Potiguara transmitidos através de atividades desenvolvidas pelo PET Indígena da UFPB são elementos fundamentais para geração do conhecimento. Essas atividades criam um elo entre práticas ancestrais, processos educativos e produção acadêmica de uma forma ética e participativa e vão além de uma simples documentação. Elas se transformam em processos vivos de aprendizado e resistência cultural essa conexão entre território e universidade é essencial para criar soluções inovadoras que sejam socialmente justas e sustentáveis do ponto de vista ecológico.

4.3 Exame do Potencial dessa Sistematização para o Desenvolvimento de Iniciativas de Inovação Socioecológica

A organização feita pelo PET tem grande potencial para inovação socioecológica, criando respostas duráveis, justas e econômicas, baseadas em práticas comuns (Moraes et al., 2023). Na economia baseada na natureza (bioeconomia), oficinas de joias de sementes e coleta de mariscos criam renda durável por meio de artesanato, unindo diversidade social e biológica (Cinesio; Santos; Santos, 2025; Falcão Filho et al., 2024).

Cerimônias e cuidados com mangues ajudam na luta preservação da natureza e na luta contra mudanças climáticas, inspirando o turismo ecológico e o cultivo que renova a terra (Brunet, 2018). Silva et al. (2024) confirmam essa adaptação por meio de parcerias em vários níveis e programas como "Diásporas na Formação" tiram a visão colonial dos planos de estudo, unindo conhecimentos à ensino e ciência do ambiente, melhorando mudanças por meio de sementes comuns, unidas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 13 e 15 (ONU, 2021; Lima et al., 2025).

Percebe-se que é necessária uma gestão que seja adaptativa para desigualdades. A sistematização é importante porque acelera conhecimentos tradicionais em ferramentas de administração, exigindo ética e regras morais contra a mercantilização. Além disso, o acompanhamento do ambiente pela comunidade feito pelo PET impulsiona novas ideias como sensores mistos tradicionais e digitais, melhorando descoberta de mudanças no clima e ajuste local, gerando impactos econômicos positivos (Gama; Brasileiro, 2024).

Por fim, o crescimento para redes locais realizado pelo PET aumenta chances, criando grupos de trabalho em equipe que influenciam políticas, incentivando a bioeconomia (economia baseada na natureza) que, por sua vez, gera uma inclusão social (Gama; Brasileiro, 2024).

De acordo com abordagem de Takeuchi e Nonaka (2008), os resultados da pesquisa mostram que o PET Indígena da UFPB funciona como um espaço importante para criar e gerenciar conhecimento. Esse ambiente permite uma troca constante entre conhecimentos tácitos e explícitos. As tradições do Povo Potiguar representavam conhecimentos que estão enraizados na experiência, na espiritualidade e na ligação com o território. Esses saberes quando organizados e compartilhados em oficinas, rodas de conversa, registros escritos, trabalhos acadêmicos ou redes colaborativas, passam por processos de externalização, onde se transformam em conhecimentos explícitos, possibilitando a utilização desses conhecimentos em meio acadêmico, assim como para futuras gerações do Povo Potiguar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, que teve como objetivo geral analisar o potencial de contribuição dos mecanismos de sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo indígena Potiguara executados por meio do PET Indígena da UFPB para processos de inovação socioecológica por meio de uma revisão integrativa da literatura, demonstrou que os mecanismos de sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo indígena Potiguara, executados pelo PET Indígena da UFPB, contribuem para processos de inovação socioecológica. Ao identificar práticas tradicionais como mariscagem, rituais espirituais, confecção de biojoias, medicina tradicional e oficinas de arco e flecha, a análise revelou como o PET transforma esses saberes ancestrais em elementos adaptativos e resilientes, alinhados à cosmologia Potiguara que integra harmoniosamente sociedade e natureza.

Essas práticas, sistematizadas em oficinas educativas e registros participativos, não apenas preservam a identidade étnica, mas também respondem a desafios contemporâneos, como degradação ambiental e mudanças climáticas, corroborando o papel do Conhecimento Ecológico Local (CEL) como ferramenta de adaptação. O foco no PET Indígena da UFPB, sediado em território Potiguara atualmente composto por estudantes de etnia Potiguara, destaca sua função como ponte entre academia e comunidade, promovendo o acesso, a permanência e a formação integral de universitários indígenas, conforme descrito em sua proposta institucional.

As estratégias de sistematização identificadas, como observação participante, rodas de conversa, registros audiovisuais e plataformas digitais, exemplificam um processo ético e colaborativo que converte saberes tácitos em explícitos, inspirado na espiral do conhecimento. Iniciativas como a publicação de artigos em eventos e anais fortalecem a interculturalidade e protegem direitos intelectuais, mitigando riscos de apropriação indevida.

No contexto Potiguara, essas abordagens, facilitadas pelo PET, integram saberes locais a ações acadêmicas, criando materiais pedagógicos que combatem o epistemicídio e fomentam governança comunitária. Essa sistematização não é meramente preservacionista, mas estratégica, transformando conhecimentos ancestrais em ativos organizacionais que apoiam inovação, como demonstrado em oficinas que combinam tradição e tecnologia para sustentabilidade.

Teoricamente, o estudo amplia o debate na Administração ao articular gestão do conhecimento com inovação socioecológica em contextos indígenas, preenchendo lacunas identificadas na literatura ao enfatizar o papel institucional do PET. Praticamente, subsidia políticas públicas para valorização do TK na Paraíba, promovendo parcerias multiníveis que

empoderem comunidades indígenas e mitiguem desigualdades socioeconômicas, como sugerido em experiências amazônicas adaptáveis.

As limitações da pesquisa incluem a dependência de fontes secundárias, que podem subestimar dimensões orais e contextuais dos saberes Potiguara, além da ausência de dados primários recentes coletados diretamente com as comunidades. A revisão integrativa, embora abrangente, reflete vieses de publicação nas bases acadêmicas, possivelmente omitindo narrativas indígenas não formalizadas. Assim, sugerem-se estudos futuros com abordagens etnográficas participativas, envolvendo anciãos e lideranças Potiguara para validar achados e expandir análises, incorporando ferramentas como mapeamento colaborativo e avaliações de impacto socioambiental.

Em suma, os mecanismos de sistematização executados pelo PET Indígena da UFPB representam um paradigma inovador para transições sustentáveis, reforçando a necessidade de uma inovação inclusiva, eticamente comprometida e culturalmente sensível. Ao transformar saberes tradicionais em catalisadores de mudança, o programa não apenas preserva o legado Potiguara, mas também contribui para uma sociedade mais equitativa e resiliente, alinhada a agendas globais de sustentabilidade. Essa abordagem holística, que une tradição e inovação, pode inspirar modelos semelhantes em outros territórios indígenas, promovendo justiça socioambiental e o "bem viver" como princípios guiadores para o futuro.

REFERÊNCIAS

- ARM - Aliança Pela Restauração na Amazônia. **Bioeconomia da restauração na Amazônia**. [S.l.]: Aliança pela Restauração na Amazônia, 2024, 215 p. Disponível em: https://aliancaamazonia.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Bioeconomia_Restauracao_Alianca.pdf. Acesso em: 20 de Dez de 2025
- ANDRADE, Antonio Ricardo Pereira de Andrade. **Cultura e sociedade: a sociedade Potiguara e um novo mal-estar na civilização**. 2008. 183 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2008.
- ATHAYDE, Simone *et al.* Avaliação da resiliência socioecológica como ferramenta para a gestão da fronteira amazônica: experiências e reflexões. **Sustentabilidade em Debate**, v. 7, n. 2, p. 14–19. 2016.
- AVELAR, Laiane da Silva. *et al.* Oficina de arco e flecha como atividade de ensino do PET Indígena da UFPB. In: ENCONTRO NORDESTINO DOS GRUPOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (ENEPET), 29., 2024, Recife. **Anais eletrônico [...]**. Recife: Even3, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xxix-enapet-2024/978762-oficina-de-arco-e-flecha-como-atividade-de-ensino-do-pet-indigena-da-ufpb>. Acesso em: 20 de Dez de 2025

AVELAR, Laiane da Silva *et al.* Ritual da lua cheia: educação, espiritualidade e resistência no território Potiguar da Paraíba. In: ENCONTRO NORDESTINO DOS GRUPOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (ENEPET), 24., 2025, Fortaleza. **Anais eletrônico** [...]. Fortaleza: Even3, 2025. Disponível em: ANAIS ENEPET ATUALIZADO.pdf - Google Drive. Acesso em: 20 de Dez de 2025

BRUNET, Miguel Bonumá. Saberes tradicionais indígenas e sustentabilidade: diálogos na construção do (etno)desenvolvimento sustentável. **Anais do Seminário Internacional em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia**, v. 5, p. 1-12, 2018. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/5sicasa/91703-saberes-tradicionais-indigenas-e-sustentabilidade--dialogos-na-construcao-do-\(etno\)desenvolvimento-sustentavel](https://www.even3.com.br/anais/5sicasa/91703-saberes-tradicionais-indigenas-e-sustentabilidade--dialogos-na-construcao-do-(etno)desenvolvimento-sustentavel). Acesso em: 20 de Dez de 2025

CBD – Convenção Sobre Diversidade Biológica. **Texto da Convenção sobre Diversidade Biológica**. Rio de Janeiro: MMA, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/>. Acesso em: 8 jan. 2026.

CINESIO, M. G.; SANTOS, S. L.; SANTOS, A. A. Sementes que educam: oficina de biojoias como prática de saberes tradicionais indígenas. In: ENCONTRO NORDESTINO DOS GRUPOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL: IDENTIDADES E TERRITÓRIOS: DESVENDANDO DESAFIOS LOCAIS, INSPIRANDO MUDANÇAS GLOBAIS, 24., 2025, Fortaleza. **Anais eletrônico** [...]. Fortaleza: UFC, 2025.

COMTE, Auguste. **Cours de philosophie positive**. Editora : Hachette Livre Bnf, 1830.

CORDEIRO-BEDUSCHI, Liviam E. *et al.* Ação coletiva multinível e inovação socioecológica na governança florestal. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 106, p. 257–272, 2022. DOI: 10.1590/s0103-4014.2022.36106.015

COSTA, Francisco de Assi. *et al.* Uma bioeconomia inovadora para a Amazônia: conceitos, limites e tendências. **Texto para discussão. São Paulo, Brasil: WRI Brasil**, p. 1-21, 2022. DOI <https://doi.org/10.46830/wriwp.21.00168pt>

FALCÃO FILHO, Frederico de Farias *et al.* A atividade da mariscagem como oficina de pesca tradicional do povo Potiguar. In: ENCONTRO NORDESTINO DOS GRUPOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL, 23., 2024, Maceió. **Anais eletrônico** [...]. Maceió: UFAL, 2024. Disponível em: <http://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/5495>. Acesso em: 20 de Dez de 2025

FERNANDES, Saulo Luders *et al.* Diásporas na formação: o PET na construção da luta antirracista na universidade. In: ENCONTRO NORDESTINO DOS GRUPOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL, 23., 2024, Maceió. **Anais eletrônico** [...]. Maceió: UFAL, 2024. Disponível em: <http://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/5495>. Acesso em: 20 de Dez de 2025

FOLKE, Carl. Traditional ecological knowledge in social-ecological systems. **Ecology and Society**, v. 9, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www.ecologyandsociety.org/vol9/iss3/art7/>. Acesso em: 14 de Dez de 2025

FOLKE, Carl. Resilience: the emergence of a perspective for social-ecological systems analyses. **Global Environmental Change**, v. 16, n. 3, p. 253–267, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2006.04.002>

FORD, James D. *et al.* Including indigenous knowledge and experience in IPCC assessment reports. **Nature Climate Change**, v. 6, n. 4, p. 349–353, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1038/nclimate2954>

GAMA, Adriane.; BRASILEIRO, Tânia S. A. Territórios inovadores da bioeconomia: uma abordagem conceitual pela revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Economia**, v. 78, n. 2, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/0034-7140.20240012>

GARCIA, Thayne Pontes.; NUNES, Viviane. Inovação social e mudanças climáticas: o uso de metodologias participativas de design e a geração de soluções para a crise climática. In: ENCONTRO DE SUSTENTABILIDADE EM PROJETO - ENSUS, 12., 2024, Belo Horizonte. **Anais eletrônico [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/256968/39.pdf>. Acesso em: 14 de Dez de 2025

GEELS, Frank W. Socio-technical transitions to sustainability. **Oxford Research Encyclopedia of Environmental Science**, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199389414.013.587>

GOMES, Elyssandra da Rocha. **Inovação e sustentabilidade: perspectivas da Administração**. 2023. 23 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/29125/1/ElyssandraRocha_TCC.pdf. Acesso em: 20 de Dez de 2025

IDSIA - Inovação para o Desenvolvimento Sustentável na Ibero-América. **Relatório**. Huelva: Observatório Ibero-Americano de Desenvolvimento Sustentável, 2021.

LEITE, Débora Caline de Souza *et al.* Oficina de medicina tradicional na Aldeia São Francisco. In: ENCONTRO NORDESTINO DOS GRUPOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL, 23., 2024, Maceió. **Anais eletrônico [...]**. Maceió: UFAL, 2024. Disponível em: <https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/5495>. Acesso em: 19 de Dez de 2025.

LIBÈRE, Nkurunziza *et al.* Lessons learned on socio-ecological drivers of innovation uptake by smallholder farmers—a case study in Kenya. **International Journal of Agricultural Sustainability**, v. 23, n. 1, 2025. DOI:10.1080/14735903.2025.2569944

LIMA, T. R. *et al.* Bioeconomia e inovação socioecológica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 22, n. 1, p. 45–62, 2024.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758–764, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

MORAES, Marco Tulio Braga; MALISCHESKI, Karyne; DANDOLINI, Gertrudes Aparecida. Gestão do conhecimento e inovação organizacional: uma revisão integrativa. **Perspectivas em gestão & conhecimento**, v. 13, p. 146-161, 2023.

MURRAY, Robin *et al.* **The open book of social innovation**. London: NESTA, 2010. Disponível em:

http://temp.uefiscdi.ro/edigiregion_v2/the_open_book_of_social_innovationNESTA.pdf. Acesso em: 02 de Jan de 2026

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. In: **Anais da Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação**. 1997.p.358.

NONAKA, Ikujiro. The knowledge-creating company. In: **Anais do The economic impact of knowledge**. Routledge, 2009. p. 175-187.

ONU - Organização Das Nações Unidas. **Conhecimento indígena pode indicar o caminho na prevenção de crises ambientais**. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/>. Acesso em: 8 jan. 2026.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010.

TENGÖ, Maria. *et al.* Connecting diverse knowledge systems for enhanced ecosystem governance: the multiple evidence base approach. **Ambio**, v. 43, p. 579–591, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/s13280-014-0501-3>

ZIEGLER, Rafael *et al.* Social innovation for biodiversity: A literature review and research challenges. **Ecological Economics**, v. 192, 2022. DOI: 10.1016/j.ecolecon.2021.107336